

CAMINHOS E (DES)CAMINHOS DA CRESOL? OBSERVAÇÕES A PARTIR DA COOPERATIVA SINGULAR DE DOIS VIZINHOS - PR

ANA PAULA DEBASTIANI VASCO¹
HIEDA MARIA PAGLIOSA CORONA²

Resumo:

Este trabalho é resultado de uma pesquisa que visou entender se a gestão de programas ou políticas públicas desenvolvidas por organizações não governamentais (ONG) ou órgãos públicos da cidade de Dois Vizinhos-PR se alinham aos preceitos do desenvolvimento da agricultura familiar, numa perspectiva sustentável. Para tanto foi realizado um diagnóstico socioeconômico e ambiental na comunidade Fazenda Mazurana, com o objetivo de entender a dinâmica das ações dessas organizações na situação de vida dos agricultores familiares da comunidade. Especificamente o trabalho individual concentrou-se na Cooperativa de Crédito Rural - Cresol. Entende-se que há evidências teóricas e contextuais que permitem apontar a economia solidária como uma proposta alternativa para a agricultura familiar. Este modelo de organização preconiza um processo econômico-social autogestionário. Nesse sentido, buscou-se entender como os agricultores cooperados compreendem e participam da autogestão visando identificar como esse modelo tem conduzido, ou não, as famílias agricultoras às práticas sustentáveis. A esse respeito identificou-se as boas/razoáveis condições dos cooperados da Cresol, resultado principalmente do Programa Água

Limpa acessado pela comunidade via Prefeitura Municipal e, ao que pareceu, das estratégias montadas pelos próprios agricultores. Verificaram-se algumas tendências dos rumos da organização no caso ilustrativo da Cresol de Dois Vizinhos-PR que, pode apontar para orientações do Sistema Cresol.

Palavras-Chave: Cresol. Economia Solidária. Autogestão. Sustentabilidade.

Abstract:

This paper is the result of a dissertation that was linked to a problematic joint research aimed to understand whether management programs or policies developed by nongovernmental organizations (NGOs) or public agencies of Dois Vizinhos-PR align to the precepts development of family farming in a sustainable perspective. The participants had a diagnosis socio-economic-environmental Mazurana Farm community, in order to understand the dynamics of the actions of these organizations in the life situation of the farmers in the community. Specifically individual

work concentrated on Rural Credit Cooperative Cresol. It is understood that there are theoretical and contextual evidence may point out that the social economy as an alternative to the family farm. This organization advocates a model of economic and social self-management process. Accordingly, we sought to understand how farmers understand and participate in the cooperative self-management to identify how this model has led, or not, farming families to sustainable practices. In this regard we identified good / reasonable conditions of cooperative members of Cresol, result primarily from the Clean Water program accessed by the community and City Hall and it seemed, strategies mounted by the agricultures. Identified are some trends about the future of organization in the illustrative case of Dois Vizinhos-PR Cresol that can point to guidelines Cresol System.

Keywords: Cresol. Solidarity Economy. Self-management. Sustainability.

JEL: Q 01; Q12, Q13

¹ Administradora. Mestre em Desenvolvimento Regional (UTFPR). Consultora Bolsista (CNPQ) do Núcleo de Apoio à Gestão da Inovação. E-mail: ana.dvasco@yahoo.com.br

² Socióloga. Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Professora da UTFPR – Campus Pato Branco. E-mail: pagliosa@utfpr.edu.br

1. Introdução

O domínio do capital estende-se sobre as mais diversas classes, separando aqueles que o possuem dos menos favorecidos, segundo suas capacidades econômicas. Essa separação tem sido afrontada pela resistência popular que se organiza contra um sistema econômico hegemônico que tende a exclusão de (grande) parte da população. Pessoas se organizam com fins de encontrar uma alternativa para participação nas atividades econômicas e de socialidades de forma emancipatória. As organizações populares chamadas de “alternativas” subvertem, de certa forma, as regras do capital na medida em que não buscam o lucro e tendem a promoção de um desenvolvimento mais incluyente.

A economia solidária é resultado da luta de trabalhadores contra a injustiça e exclusão, contra o modelo seletivo de desenvolvimento; por isso, surge como um meio alternativo ao sistema hegemônico. A reação de atores sociais em oposição a esse paradigma social firmado na riqueza e no bem-estar material revela a radicalidade contra os excessos da modernidade. Tal crítica atinge o modo como se “trabalha e produz, mas também o modo como se descansa e vive; a pobreza e as assimetrias das relações sociais,” (SANTOS, 1997) e ainda formas de opressão que atingem grupos sociais transclassistas. Portanto, a reação desses sujeitos funciona como uma alternativa de se inserirem como atores sociais e agentes de desenvolvimento.

É neste contexto de preocupações que o presente trabalho se insere. Este estudo é um recorte de um trabalho maior que se vincula a uma problemática comum de pesquisa que envolveu além da autora, mais duas pesquisadoras. O objetivo geral foi entender se a gestão de programas ou políticas públicas desenvolvidas por organizações não governamentais (ONG) e ou instituições públicas do município de Dois Vizinhos se alinham aos preceitos do desenvolvimento da agricultura familiar, numa perspectiva sustentável. Para aten-

der ao objetivo geral que permeia a construção dos trabalhos individuais de pesquisa, foi escolhida a comunidade Fazenda Mazurana na qual residem famílias agricultoras envolvidas com a Casa Familiar Rural, com a Cooperativa de Crédito Rural Cresol e que acessavam o Pronaf via agência do Banco do Brasil, em função das especificidades das temáticas individuais. Este trabalho concentra-se em apresentar parte dos dados do estudo realizado na Cooperativa de Crédito Rural Cresol. E tem por objetivo discutir a participação no processo da autogestão e do desenvolvimento sustentável das famílias agricultoras da Comunidade Fazenda Mazurana vinculadas a Cresol.

1.1. Caminho Metodológico

O caminho metodológico da pesquisa foi o seguinte: em conjunto fez-se uma identificação, através do diagnóstico sócio-econômico-ambientais³, da situação de vida dos agricultores da comunidade. O instrumento para diagnóstico foi construído pelo grupo de pesquisa sobre o rural metropolitano da turma 2005, do Programa de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR e, foram feitas algumas alterações conforme a realidade pesquisada. A partir desse formulário foram construídos indicadores que congregavam os dados para demonstrar a situação socioeconômica e ambiental dos agricultores pesquisados.

Após essa fase dedicou-se a pesquisa mais aprofundada, de caráter qualitativo, nas instituições e agricultores diretamente relacionados com os objetos particulares de investigação, através de entrevistas semiestruturadas gravadas. Para análise dos dados utilizou-se a cate-

goria de subsídio **possibilidade** daquilo que pode surgir considerando a uniformidade do desenvolvimento, em contraposição a **realidade**, ou seja, aquilo que já aconteceu ou está acontecendo. Assim, pretendeu abordar a realidade, como sendo o modelo hegemônico de desenvolvimento, pautado nas condições de desigualdade e exploração da natureza, resultado dos caminhos traçados pela modernidade. A possibilidade ou a alternativa, que consiste em um modelo de desenvolvimento justo e equitativo, o desenvolvimento solidário e sustentável, contido na proposta da economia solidária.

2. Breve contexto sobre o sistema CRESOL

A Cooperativa de Crédito Rural Cresol que faz parte da Associação Nacional do Cooperativismo de Crédito da Economia Familiar e Solidária – ANCOSOL - nasceu para atender as necessidades dos agricultores familiares da região Sudoeste do Paraná. Considerando que este espaço é o *locus* de uma estrutura fundiária caracterizada pela pequena e média propriedade, onde 93% dos estabelecimentos possuem menos de 50 hectares, os quais ocupam 58% da área e, ainda, 87% dos estabelecimentos rurais são de agricultura familiar. Os produtores da região dedicam-se ao binômio soja/milho, à criação de suínos e aves, à produção leiteira e, mais recentemente é introduzida à cultura do fumo. Aliada a uma importante produção para mercado a agricultura familiar da região produz também para o autoconsumo. Parte desta produção é processada através das cooperativas leiteiras, de suínos e aves ou cooperativas agrícolas (IPARDES, 2010).

³ O diagnóstico sócio-econômico-ambiental foi feito através de um formulário de pesquisa, com mais de 100 questões, já elaborado pela turma de Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFPR. Tal instrumento foi adaptado para a realidade pesquisada. Conteve questões que abordaram: Diagnóstico social: condições de moradia, escolaridade, utilização de transporte, acesso a saúde, acesso a lazer; Diagnóstico econômico: bens móveis, tamanho da casa, renda familiar; Diagnóstico ambiental: produção, preservação ambiental, saneamento. As questões foram pontuadas e categorizou-se em três situações de vida: 1-precário, 2-razoável e 3-bom.

A CRESOL é fruto da luta dos agricultores familiares da região que se uniram com o objetivo de encontrar alternativas para a parcela da agricultura familiar que foi excluída parcial ou totalmente do projeto de modernização e de suas linhas de crédito. Na década de 80, foi estruturado um fundo de financiamento para a agricultura familiar – o Fundo de Crédito Rotativo (FCR) com fins de financiar experiências alternativas da agricultura e dos assentados da reforma agrária nas regiões Sudoeste e Centro-Oeste do Paraná. Fundo administrado por entidades/movimentos pastorais, sindicais, organizações não governamentais, associativas e sem terras, destas regiões. Desde então, sentiram a necessidade de uma instituição que atendesse as necessidades de crédito rural aos produtores da região. Após discussões no biênio 1995/1996, foram criadas as primeiras Cooperativas do sistema Cresol em vários municípios do Sudoeste do Paraná e em seguida uma base de serviços - Cresol Baser - que cinco anos depois, resultado do desenvolvimento destas organizações e por orientação do Banco Central, tornou-se a cooperativa central, com sede em Francisco Beltrão. Posteriormente, em 2004, conforme princípio de descentralização e crescimento horizontal foi criada a segunda cooperativa central em Chapecó – SC, a qual atende o Estado do Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina (CRESOL, 2011).

A Cooperativa de Crédito Rural Cresol é uma organização popular e é constituída e administrada por agricultores familiares. Sua diretoria é eleita por seus cooperados com estatuto e regimento próprio. Neste sistema, os recursos captados não ficam centralizados na Cresol-Baser, como normalmente ocorre nas cooperativas de crédito, mas ficam no município de origem do cooperado para melhor se relacionar com o sistema bancário local. Deste modo, cada Cresol consegue maior articulação com as fontes de financiamento do

município, evita a concentração de poder em uma instituição apenas (BITTENCOURT, 2000) e permite uma maior aproximação com os cooperados.

Podem se associar à Cooperativa Cresol, os agricultores que utilizam mão de obra essencialmente familiar, que tenham uma renda anual inferior a R\$ 27.500,00, possuam mais de 18 anos de vida e sejam produtores que explorem área inferior a quatro módulos rurais (o tamanho do módulo no Paraná varia, entre 12 a 30 hectares). Podem ainda participar pessoas jurídicas, desde que, desempenhem atividades agropecuárias ou agroindustriais, e que sua fonte de renda seja extraída destas atividades. Mais recentemente, tem se inserido a cooperativa pessoas do urbano via financiamento pelo Programa Minha Casa Minha Vida.

As linhas de financiamento concedidas pela organização contemplam agroindústrias, turismo rural, fruticultura, agroecologia e agrofloresta, habitação rural, cadeias produtivas e culturas diferenciadas, e financiamento para produção mais tradicional, e ainda, é oferecido a eles seguro de vida, de bens e de produção. A cooperativa se estrutura nos níveis de central, bases regionais, cooperativas singulares e postos de atendimento cooperativo – PAC, mas quem responde legalmente pela cooperativa junto ao Banco Central é a Central Baser (CRESOL, 2011).

A estrutura da Cresol articula pequenas cooperativas municipais, esta característica pode ser uma evidência da descentralização de seu processo gestor. Tal estratégia faz jus à legislação quando regula que a “área de admissão de associados limitada às possibilidades de reunião, controle, operações e prestação de serviços” (artigo 4º da Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971).

O crédito é disponibilizado através de recursos oficiais, como o Pronaf, e recursos próprios, financiando capital de giro, investimentos nas es-

truturas produtivas, oportunidades de negócio, emergências de saúde e construção ou reforma da casa. Tais financiamentos são concedidos para atividades produtivas na região. A taxa de juros cobrada nos financiamentos leva em conta as condições do público da cooperativa, o que permite a mesma ter um índice de inadimplência baixo, numa média de 2,8%, se comparado à média nacional de inadimplência do Pronaf, por exemplo, que conforme dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) é de 14%. Isso também pode ser reflexo da histórica caminhada do crédito da agricultura familiar, que conforme dados do sistema, grande parte dos agricultores familiares, 85,2%, nunca havia obtido o crédito antes de se associarem a uma cooperativa do Sistema Cresol, ou mesmo um contato de depósito em uma agência bancária (49,8% não tinham conta corrente) (SCHRÖDER, 2005), ao contrário do que acontece agora, na vasta oferta de crédito ao agricultor.

A Cresol de Dois Vizinhos, lócus do estudo, conta hoje com 1.703 associados. Ela conta com 38 agentes de crédito e desenvolvimento comunitários, 13 funcionários e dois PACs, um em Cruzeiro do Iguaçu e outro em Boa Esperança do Iguaçu. Conforme dados financeiros, a sobra à disposição da assembleia ordinária do exercício 2010 foi de 200.255,95 reais, a qual por decisão unânime foi rateada entre os cooperados proporcionalmente aos serviços usufruídos na cooperativa (ATA DA ASSEMBLÉIA ORDINÁRIA, 2010).

A concentração de crédito liberado está em créditos pessoais, repasse e investimento. Do total de 23 agricultores da Comunidade Fazenda Mazurana, cooperados da Cresol, os que utilizaram crédito foram: 17,4% na safra 2009-2010, 26,1% 2010-2011 fizeram investimento; 22% em 2009-2010, 30,5% em 2010-2011 fizeram custeio.

Conforme relatou o dirigente da Cresol o mais financiado para

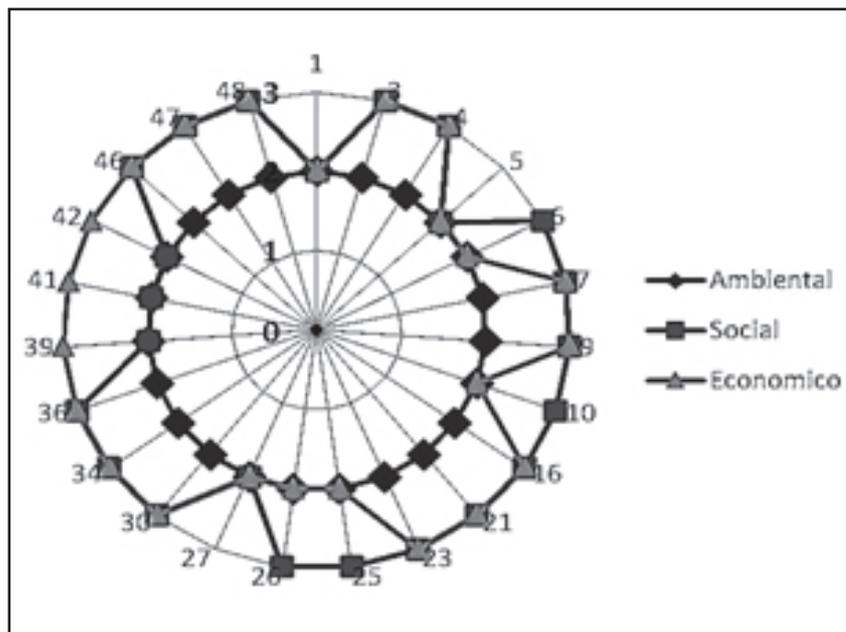
investimento tem sido o leite que, parece ter respondido como uma produção autossuficiente. E repasse de custeio tem sido grãos, soja e milho especificamente. Esses são dados que refletem a realidade da cidade de Dois Vizinhos que tem uma produção leiteira de 32.500 em unidade de mil litros, produção de soja de 32.400 toneladas e 34.500 toneladas de milho (IPARDES, 2011).

3. Autogestão e sustentabilidade na Cresol de Dois Vizinhos: observações a partir da Comunidade Fazenda Mazurana

Os agricultores que residem na comunidade e são cooperados da Cresol estão vivendo uma média de 28 anos ali, sendo que o que há menos tempo tem residência é de três anos e o que reside há mais tempo são 58 anos. Dentre estes, somente uma família não utiliza mão de obra familiar por serem aposentados e arrendarem a terra para empresário da zona urbana. Todos os títulos dessas propriedades estão em nome do responsável pelo estabelecimento, sendo que, dez das vinte e três propriedades tem outros domicílios que acolhem filhos (as), pais, sogros, genros, noras e irmãos; 87% têm filhos que moram na mesma residência dos pais. Destes últimos 48% estão no Ensino Fundamental, 22% no ensino médio e 30% no Ensino Superior. Quanto à origem étnica do responsável e seu respectivo cônjuge a sua maioria tem ascendência italiana, depois brasileira e polonesa.

A situação sócio-econômica-ambiental dos agricultores cooperados a Cresol da comunidade ficou conforme o gráfico 1. Evidencia-se que os agricultores em melhores situações ficaram no eixo mais afastado do ponto zero, e, evidentemente, aqueles que ficaram em situações mais precárias ficaram mais próximos ao zero. Neste caso, não houve nenhuma situação precária, somente razoável e boa.

Gráfico 1 – Diagnóstico sócio-econômico-ambiental dos agricultores cooperados da Cresol da Comunidade Fazenda Mazurana



Fonte: Pesquisa realizada, 2011.

De forma geral o que se observa no gráfico 1 é a homogeneidade da situação ambiental dos agricultores, que ficaram em uma situação razoável. O indicador econômico mostrou que aproximadamente 70% dos agricultores estão em uma situação boa e 30% encontra-se em situação razoável; 74% dos agricultores estão em uma situação social boa e 26% razoável. As famílias entrevistadas foram as seguintes: 1, 3, 4, 6, 10, 21, 23, 26, 39 e 47.

O cenário construído pela modernidade a qual promoveu a modernização nos diversos âmbitos da sociedade, inclusive na agricultura, e a vasta especialização dentro do campo da ciência, entre outros fatores, é a nítida dicotomização da relação do homem com a natureza. A agricultura, a partir dos anos 1950, 60 na Europa e Estado Unidos, começou a absorver a ideia do desenvolvimento como sinônimo de progresso, visando transformar aquilo que era “arcaico”, tradicional, pela modernização (ALMEIDA, 1997), contribuindo para um maior distanciamento da relação do homem com a natureza. No entanto, a agricultura familiar apresenta características que mostram sua força como um local privilegiado para manter seus laços com meio em função de sua tendência à diversificação, à integração de atividades vegetais e animais, além de trabalhar em menores escalas e, a ligação histórica dos agricultores com a terra. Quando questionados sobre os planos futuros na propriedade, a grande maioria deles afirmava: “eu nasci na roça e é aqui que eu vou morrer”. Isso mostra a ligação que estes possuem com a terra e, portanto, uma maior facilidade de cuidar/preservar ela.

Nesse sentido, buscou-se compreender como a Cresol desenvolve políticas que promovam o cuidado ou a preservação ambiental. O que ficou bastante evidente foi o papel dos agentes de crédito na disseminação desse conhecimento. Os agentes comunitários de desenvolvimento e crédito são cooperados representantes das comunidades que têm reuniões mensais na cooperativa para receberem informações e repassarem nas suas comunidades para os cooperados. Conforme um representante da organização:

“*Da mesma forma quando questionados sobre a limitação para concessão de crédito, a organização faz um laudo técnico da propriedade antes e é avaliado se o agricultor tem condições de se sustentar com aquele financiamento, ao qual solicita e que deve devolver à cooperativa.*”

os agentes de crédito, responsáveis por cada comunidade, e ele tem formação constante, e isso entra a formação pra ele, tipo de, de veneno, essas coisa e eles são responsáveis por passa por cada setor, né? [...] cada um deles vai responde por sua comunidade, lá ele vai se reuni, vai passa as informações. [...] É primeiro é informa a cooperativa, daí a cooperativa vai, é, fazê uma visita pra ele, né? (Entrevistado 13).

Em conversa com os agricultores não se identificou nenhuma ação da cooperativa para orientação nas questões ambientais especificamente. Da mesma forma quando questionados sobre a limitação para concessão de crédito, a organização faz um laudo técnico da propriedade antes e é avaliado se o agricultor tem condições de se sustentar com aquele financiamento, ao qual solicita e que deve devolver à cooperativa. Não foram citadas limitações impostas por questões ambientais, somente pela viabilidade econômica do agricultor.

Dos entrevistados aqueles que afirmaram receberem algum tipo de orientação foram os que dizem comprar insumos e receber instruções de um técnico do local de compra na

propriedade, que orienta e acompanha na lavoura, conforme explicou o entrevistado 10.

A esse respeito à pesquisa mostrou sobre agrotóxicos: cerca de 83% utiliza inseticida; 78,2% faz uso de fungicida e; 82,3% herbicida. Portanto, a grande maioria recebe instruções de técnicos das empresas que vendem tais produtos. Alguns dos entrevistados têm sua renda na produção de aves e são integrados, estes recebem orientação da respectiva empresa. E, além disso, dos entrevistados 10 afirmaram que o uso de insumos químicos aumentou nos últimos 20 anos, 2 disseram que diminuiu e 9 afirmaram que continuou a mesma coisa.

Quando questionados sobre assistência técnica os dados mostram que dos 23 agricultores cooperados da Cresol, 22 deles recebem assistência técnica: 9 desses de empresa privada, 6 de cooperativas (alguns deles, além da Cresol, estão vinculados a ao sistema Claf, cooperativa de avicultores, Coasul e Sicred), 4 da secretaria municipal e 3 de outras instituições.

Esses são dados que mostram a lógica da Revolução Verde da década de 60-70, de certa forma, presente na agricultura familiar. O uso intensivo do solo e a preocupação incisiva com a eficiência/eficácia na produção, a exemplo dos países desenvolvidos, eram prerrogativas do pacote tecnológico da Revolução Verde. Lionço (2007) em estudo realizado em instituições que atuam no espaço rural do Sudoeste do Paraná já identificara a preocupação nas discussões de tais organizações com os problemas ambientais originários da Revolução Verde.

Ao que pareceu os agricultores montaram suas próprias estratégias. Conforme fala dos agricultores.

As coisas foram evoluindo né e a gente mesmo quando pegamo esse dinheiro, nós não tinha recurso pra fazer esse investimento. Desde que a gente pegou dinheiro financiado,

a gente não se arrependeu até hoje e melhorou muito né. Nesse caso a Cresol é boa pra isso, o juro é barato, mas prático de se negociar e eu acho até melhor (entrevistado 6).

Olha eu acho que melhoro nos últimos anos, mas acho que não seja, só a Cresol. Ela tem ajudado tudo isso né, mas, a nossa mão de obra aumentou de um a gente se dobra em dez pra fazer o serviço, então a Cresol tem ajudado, em um financiamento ou alguma coisa assim né, mas, a gente também se desdobra em serviço pra consegui, mas melhoro eu acho nos últimos anos ta melhor (Entrevistado 10).

Quando questionados sobre as melhorias que ocorreram após os agricultores vincularem-se a Cresol, vê-se a maioria das falas estão relacionadas às contribuições da organização para o benefício do financiamento. Entende-se a luta dos agricultores por acesso ao crédito e a própria sobrevivência da agricultura familiar e também que o produto da Cresol é o crédito. Contudo, se questiona se há ações efetivas da cooperativa para além do crédito, ações voltadas à sustentabilidade da agricultura familiar.

A ênfase dada ao crédito - que é o produto da organização e não deixa de ter a sua fundamental importância no contexto da agricultura familiar, tendo em vista o modelo de desenvolvimento ao qual estão inseridos - é também resultado da própria compreensão da organização sobre a sustentabilidade.

A Cresol já trabalha sobre isso (sustentabilidade), mas teria que ter mais iniciativas do poder público, para subsistência do agricultor. As linhas de crédito estão de acordo com a sustentabilidade, pois, as taxas são baixas e a Cresol é diferenciada das outras instituições financeiras. A Cresol não é só a Cresol, trabalha sempre juntos, com sindicatos, cooperativas (Entrevistado 15).

De tornar ele sustentável né? E ele próprio consegui conduzi. Porque

hoje nós compara uma agricultura familiar que não tenha cooperativa, quase que ela não consegue, porque se ele quer planta um, dois alqueire de milho, ele não tem fundos pra pode, quase que se tornou uma dependência entre Cresol e ele, se nós tirar a Cresol de dois Vizinhos a agricultura familiar vai desmoronar, por quê? Porque ela precisa de um dinheiro pra pode planta, depois ela devolve, mas ela não tem na cultura das pessoas, “ah, vo guarda cinc mil reais pra faze a safra do ano que vem”, não tem isso, não adianta. Então, se eles tem cinco mil, eles vão aplica aqui, vão gasta ali, no ano que vem eles vão precisar da mesma coisa. Então assim, torna autossustentável, é chagar ao ponto que eles caminham sozinhos, mas isso é um processo longo né? (entrevistado 14)

Sustentabilidade, assim, do ponto de vista da agricultura familiar é nós não dependermos tanto do, do, dos produtos e dos insumos que vem de fora, que não são produzidos dentro da propriedade. Hoje nós tomos num ponto negativo, nós somos reféns do crédito. Se nós não conseguíssemos crédito, poucos agricultores conseguiam fazer suas lavouras, porque ficou refém do crédito, o adubo tem que vim de fora, a semente tem que vim de fora, é os insumos, todos tem que vim de fora, quer dizer nós temos poucos modelos de agricultura familiar dentro do município talvez que se mantenha, que são autossustentáveis, porque ainda nossa cultura é uma cultura que nós só soubemos trabalhar com grãos, grão e produtos, atividades que são integradas, frango, suíno e fumo. E até que você ta nessa atividade você recebe tudo na mão, mas você nunca sabe o preço do que você vai entrega, teu produto. Então fica sempre refém disso aí, do crédito e de insumos (entrevistado 13).

Entendeu-se que a compreensão sobre a sustentabilidade da agricultura familiar, na maioria das falas dos entrevistados da organização, pauta-se na ideia do agricultor permanecer no campo, dele sustentar-se economicamente para permanecer ali. Por isso a importância dada ao

“
A esse respeito Kautzky (1986), no clássico debate sobre o campesinato na Rússia, ao falar sobre como a industrialização penetrou a agricultura refere-se em como a família camponesa autossuficiente passou a comprar no mercado produtos...
”

crédito. Isso também foi identificado nos agricultores, conforme as falas apresentadas mais acima.

E nesse sentido, destacam-se duas questões que estão evidentemente implicadas na questão do crédito: a sobrevivência da família agricultora e a consequente dependência do crédito, sem o qual “não consegue sustentar-se”.

A esse respeito Kautzky (1986), no clássico debate sobre o campesinato na Rússia, ao falar sobre como a industrialização penetrou a agricultura refere-se em como a família camponesa autossuficiente passou a comprar no mercado produtos para sua subsistência e passou a ser dependente dele, contudo, em evidente desvantagem quando comparado ao agricultor da grande propriedade. Com o desenvolvimento econômico das cidades abre-se caminho para a agricultura capitalista, deixando grande parte dos camponeses em situação de miséria. Nesse sentido que o autor fala dos resultados positivos das cooperativas de crédito, embora, tenha uma visão bastante pessimista a respeito de outras formas de cooperativas.

Para os pequenos lavradores, tais instituições valem sobretudo na hipótese do crédito pessoal. Elas obtêm o que não obtém o camponês isolado, isto é, o crédito do grande capital urbano nas condições do capitalismo moderno. Se os empréstimos do camponês isolado são pouco vultosos para interessar o grande capital, os de toda uma sociedade exercem papel inteiramente diverso. E se o crédito a um cultivador que lhe é inteiramente desconhecido não oferece garantias a um banqueiro da cidade, o risco se lhe reduz ao mínimo no caso da solidariedade de muitos associados. Assim, graças às organizações de crédito, o camponês levanta dinheiro a uma taxa módica, pagando-o sem arruinar-se, em virtude dos melhoramentos da sua exploração que esse empréstimo torna praticáveis. Não há dúvida, as sociedades de crédito são, para os camponeses, sumamente importantes como veículo de progresso econômico. E não digo progresso no sentido do socialismo, como se alega em diferentes lados, mas progresso no sentido do capitalismo. São progressos de alto valor econômico (KAUTSKY, 1980, p. 134-135).

A luz da afirmação do autor as cooperativas de crédito além de ser um bom negócio ao “banqueiro” já que, este recebe o montante dos pequenos agricultores organizados, também dão condições de progresso econômico ao agricultor no sentido do capitalismo. Esse progresso exige dele – demanda vinda, imposta pelo sistema capitalista - a especialização da produção. “Quanto mais o estabelecimento agrícola se especializa, e quanto mais animais este possa utilizar, de uma ou de outra forma, tanto mais rapidamente se processa a comercialização.” (KAUTSKY, 1980, p 72).

[...] adubos permitem, em certas circunstâncias, que o agricultor dispense a cultura alternante e o esterco; que ele adapte suas culturas por completo às exigências do mercado, ou que dedique a área que a moderna agricultura encontra sua expressão técnica e econômica mais elevada (KAUTSKY, 1980. p.87).

Neste caso dos agricultores da Cresol é diferente. Observa-se que ele combina estratégias, como é o caso da utilização do adubo orgânico, embora esteja pressionado pelo capital para a maximização da produção. Segundo o autor o camponês não só passa a produzir para abastecer a indústria, a si mesmo, mas também vê a necessidade de comprar ferramentas para produção, fruto da especialização do trabalho. Por isso a necessidade do crédito, para se colocar e se manter no mercado. Sem ele não seria possível o agricultor se capitalizar, por isso, representa um progresso econômico no sentido do capitalismo, como afirmava o autor.

Nesse sentido, o que se observou a partir dos dados foi à concentração da renda agrícola é advinda da produção do binômio soja/milho e, na produção pecuária concentra-se no bovino de leite e nas aves. A concentração da produção de milho e soja é também um reflexo da mecanização da agricultura na década de 70, refletindo no uso abusivo de insumos químicos e o estímulo à produção de culturas de exportação, tal como a soja. Quanto à produção pecuarista destaca-se que todos os agricultores que tem aviário são integrados a Sadia. Essa é a razão da maioria deles ter afirmado receber orientações dos técnicos das lojas de insumos e das organizações aos quais são integrados.

Destaca-se a propriedade do dirigente da Cresol em Dois Vizinhos que, embora sua maior renda advinha do cultivo de milho e da produção de aves e do leite, tem investido na fruticultura como uma alternativa de renda a propriedade. Conforme dados da pesquisa 70% dos agricultores estão em uma boa situação econômica. A média da renda mensal dos agricultores da Cresol é de 3.396,12 reais, um pouco maior que a média geral da comunidade. A esse respeito observa-se, que alguns deles montam suas próprias estratégias de sobrevivência, como é o caso dos 30,5% que combinam renda não

agrícola com atividade agrícola ou pecuária.

O fundamento da Cresol está para a equidade e a sustentabilidade. Em um dos primeiros vídeos da Cresol um dos dirigentes e fundadores expressa a sua opinião quanto à finalidade da constituição da organização:

[...] as cooperativas de crédito foram concebidas como instrumentos transparentes e democráticos e dirigidos pelos agricultores. Ao dirigente/gerente é mais importante conhecer profundamente a atividade que vai financiar do que a formação tradicional dada ao sistema financeiro. Para isso as cooperativas terão que formar as pessoas. [...] A cooperativa não pode excluir o agricultor que pensa diferente. É preciso envolver a partir de suas necessidades, com uma metodologia que conduza ao debate da relação de sua atividade e de sua vida com propostas maiores de sociedade, na sua dimensão política. [...] A fundação é importante, mas mais importante é o rumo que ela toma e como trabalha. O crédito que queremos precisa estar na direção da sustentabilidade e da equidade social. É fundamental a participação ativa dos grupos de base organizados, garantindo assim critérios internos para que o crédito captado volte para os pequenos agricultores. Valorizando inclusive a possibilidade de continuar com o crédito em equivalência produto (CRESOL, 2008).

Destaca-se nessa fala a importância dos rumos que a cooperativa tomará no decorrer do tempo, além da importância da sua fundação. Vê-se a importância da gestão para que os caminhos percorridos pela Cresol estejam de acordo com os preceitos da sustentabilidade e da equidade social. Entende-se que no processo de constituição da Cresol houve essa preocupação.

Uma evidência foi a não participação em atividades de integração do agricultor promovidas pela instituição. A participação dos agricultores ocorre mais nas pré-assembleias e

“

Para garantir a maior participação dos cooperados são feitas, uma vez por ano, antes da Assembleia ordinária, pré-assembleias que são realizadas pela central nas regionais, onde as cooperativas singulares se encontram, e pelas cooperativas singulares nas comunidades.

”

assembleias, embora haja uma participação significativa nas atividades da comunidade em geral.

As assembleias são realizadas uma vez ao ano. Legalmente, para se realizar uma assembleia, são necessárias no mínimo dez pessoas, motivo que torna algumas cooperativas centralizadoras de decisões. Na Cooperativa de Crédito Cresol de Dois Vizinhos, conforme afirmação do dirigente, geralmente há uma participação de 40% nas assembleias e 45% nas pré-assembleias. Para garantir a maior participação dos cooperados são feitas, uma vez por ano, antes da Assembleia ordinária, pré-assembleias que são realizadas pela central nas regionais, onde as cooperativas singulares se encontram, e pelas cooperativas singulares nas comunidades. Nessas pré-assembleias é apresentado o balanço do exercício, discutidas as necessidades no nível de cooperativa singular e de comunidade/cooperado, questões que depois de avaliadas podem ser levadas em discussão em assembleia.

Nas assembleias são tratadas questões como: prestação de contas do exercício, destinação das sobras ou rateio das perdas, eleição dos componentes da administração e do conselho fiscal, fixação de honorários da administração e do conselho fiscal. Esses assuntos cabem à assembleia ordinária e de interesse social, a qual deve debater e decidir, por isso a importância da participação. No que se refere à destinação das sobras, conforme dados coletados na organização, na maioria das vezes são incorporadas ao capital dos cooperados, conforme a quantidade de movimentação na cooperativa.

No caso da última assembleia em Dois Vizinhos, realizada em março de 2011, participaram 445 associados, correspondendo a 27% apenas. Uma das questões colocadas a voto foi à destinação das sobras, as quais foram designadas a capitalização dos cooperados. Dos cooperados que foram entrevistados a todos afirmaram participar das assembleias e pré-assembleias. Um dos cooperados afirmou: "Tem bastante abertura, é bom eles deixam disponível pros sócios se pronuncia o que que vocês acham né." (entrevistado 1).

O que se observa é que houve uma baixa participação nesta última assembleia. Mas, evidenciam-se os relevantes assuntos levados na votação nas assembleias. Isso ainda mostra a relevância da autogestão na organização.

Quanto aos cursos que os agricultores afirmaram participar, não foi identificado cursos de formação promovidos pela Cresol. Muito embora 60% dos agricultores vinculados à instituição estejam participando de algum curso. Alguns cursos relatados pelos agricultores foram: Conserva, artesanato, qualidade, ordenhadeira, administração rural, derivados de leite, pintura, dirigente de cooperativa, inseminação artificial, conselho fiscal, fruticultura, mecanização, bovinocultura de leite, agricultura orgânica, manicure,

pedicure, manutenção de ordenha, manejo de ordenha e apicultura.

Alguns desses foram disponibilizados pela Fetraf (Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar), Senar (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural), Sadia, Clube de Mães e Cresol, no caso do curso de dirigente de cooperativa, de conselho fiscal e fruticultura, realizado pelo dirigente da cooperativa.

A Cresol tem o Instituto de Formação do Cooperativismo Solidário - Infocus, o qual promove cursos de capacitação para novos diretores, formação para os agentes comunitários de desenvolvimento e crédito, e ainda, um curso de capacitação profissional em gestão com ênfase no cooperativismo para diretores, funcionários, associados e parceiros. Além disso, a cooperativa também tem o programa Gênero Geração voltado a jovens mulheres e idosos da agricultura familiar. Este foi um dos programas identificados que mais se aproxima do agricultor.

Ao que se observou há certo distanciamento da instituição para com o cooperado da comunidade. Um dos fundadores enfatizou como a relação cooperado e cooperativa foi perdendo forças.

Ela (a cooperativa) tinha se distanciado um pouco, porque ela estava assim crescendo, crescendo, o próprio sistema isso a gente já conversou lá, já debateu. A própria central pedia pra levar a outros estados o sistema, foi esquecido um pouco à origem nossa, entende? Dando mais interesse ao nosso cliente. O diretor, até nós tivemos um debate semana passada, que o diretor presidente não seria mais aquele de ficar lá esperando o cliente, mas sim de ajudar, descobrir o planejamento dele, dar essa força pra ele e fazer junto. Não é fácil, hoje tem 2000 associados, mas

vai visitando aí aqueles que estão com mais necessidade, e aquele que mais precisa dar um tempo maior, até pra ter uma saída pra ele melhor de negociação.

A fala é ilustrativa desse distanciamento que mostrou a pesquisa. Ao que pareceu com o crescimento da cooperativa houve uma centralização na especialização daqueles que estavam dentro da cooperativa, como os diretores, agentes de crédito, funcionários. O crescimento dela exigiu um fortalecimento interno para que esta se mantivesse competitiva, atendendo as exigências do mercado. Isso esclarece o fato da maioria dos agricultores, senão todos, não participarem e nem terem conhecimento de cursos ou programas promovidos pela Cresol. Este pode ser o motivo da única propriedade com uma produção alternativa ser do presidente da Cresol, conforme já evidenciado neste trabalho.

Nesse sentido que se remete a pensar sobre os laços de solidariedade mantidos na economia dessa organização, ou seja, a interdependência mantida uns com os outros. As relações interdependentes estabelecidas entre os agricultores, de forma solidária (*in solido*) foi bastante evidente na criação da Cresol, no sentido de que houve uma movimentação de um grupo social que tinham em comum demandas, tais como o crédito, ou o acesso ao processo de desenvolvimento. Essa foi a solidariedade "de baixo"⁴ como se referiu Demo (2002), a qual está posta em tensão constantemente pela pressão da hegemonia, portanto, propensa a tornar-se uma organização empresarial. E neste caso, ou este setor tende a tornar-se propenso ao lucro e igualar-se a uma empresa sob as regras do capital ou luta veemente para de fato ser uma alternativa. O autor escreve:

⁴ Para o autor existe a solidariedade de cima e a de baixo. A primeira está relacionada com aquela elitizada, pregada pela elite, a qual pode manipular e adormecer a população para a realidade. A segunda é representada por organizações da sociedade civil que tem um caráter radical diante de um paradigma posto, como as economias dos setores populares.

Podemos humanizar o exercício do poder e as estruturas do mercado, mas não podemos nos livrar do mercado e do poder. Relembrando Boehm, a hierarquia reversa também é hierarquia, mas tem como alternativa o controle democrático do poder (DEMO, 2002, p.211).

Por isso está propenso, pois não pode livrar-se das regras do mercado, tal como já foi apontado nesse trabalho. Ainda a respeito do distanciamento da cooperativa para com o agricultor, quando um dos entrevistados foi questionado se participava de algum programa ou curso da Cresol este afirmou:

não porque a gente nunca quis na verdade de infiltrar com a diretoria e meu piá não se interessou por isso. Já que meu primeiro filho não se interessou em trabalhar na Cresol e hoje ele está muito bem colocado [...] ele achou que não era viável concorrer, porque na verdade a Cresol é coisa boa, mas tem muito o que mudar. É uma política interna, eles que decidem... você tem que ser sócio pra decidir né, a função de funcionário, coisa assim né... Como a gente não é essa tal de puxa saco aí, nós trabalhamos com qualidade, não tem nada a ver com puxa saco. O presidente é meu compadre, nosso vizinho, mas eu disse pra ele se um dia você precisar pode contar... mas eles não vão precisar, porque tem os parente né, é rolo se meter né...eles vão se infiltrando entre eles [...].Você sabe que política é tudo igual, não muda nada. Eles começam o dia que ganham, já começam fazer política e é a mesma história.

Dois questões ficam evidentes: a) a primeira refere-se a contratação de funcionários, que ao que pareceu privilegia pessoas que possuem grau de parentesco com os dirigentes; b) a reafirmação da centralização de cursos e capacitação para aqueles que se envolvem em alguma instância da cooperativa.

No tocante ao primeiro aspecto, em pesquisa já realizada (VASCO, 2009) foi identificado que as decisões tomadas pela organização são consideradas por ela descentralizadas,

“**Quando se centraliza as decisões e não se dá condições para que outros participem, o autor afirma: “dizer que a coletividade é dirigida por pessoas cuja direção dos negócios comuns se tornou a partir deste momento um negócio especializado e exclusivo, e que, de direito e de fato, escapam o poder da coletividade.”**”

pois, são criados fóruns de decisões, segundo cada área de especialização: fórum de contadores, fórum de carteira e assim por diante. Esses fóruns são criados pelos funcionários da cooperativa que debatem e levam para a instância executiva, que por sua vez, ao analisar remete ao conselho, aonde definirá a decisão final.

Quanto aos funcionários, estes são contratados segundo teste seletivo. Contudo, o privilégio àqueles que tenham vínculo está pela facilidade no trato ao público da Cresol, agricultores familiares (VASCO, 2009). Assim, as decisões, na sua maioria, são tomadas por pessoas que possuem vínculos familiares entre si. E essas decisões centralizam-se também na organização, privilegiando a participação daqueles que possuem a capacitação adequada para isso. E nesse sentido a necessidade da qualificação e especialização interna.

A esse respeito, Castoriadis (1979) ao discutir a proposta de uma sociedade num modelo marxista, a qual daria aos homens maior autonomia, discute a autogestão e a hierar-

quia com alguns aspectos relevantes a discussão desse trabalho.

O autor ao fazer referência à tomada de decisão refere-se ao decisor como aquele que tem o conhecimento necessário para tal. A partir disso não é possível uma decisão coletiva, já que, alguém foi eleito para representar a coletividade. Isso implica na maior quantidade de informações possíveis que o decisor deve ter. Então, ressalta o autor que estes possuem o monopólio das informações e também da formação necessária para tal posição. Em tal realidade é uma contradição pensar sobre a autogestão. “Como se pode decidir se não se dispões de informações necessárias para decidir bem? E como se pode aprender a decidir se a gente está limitada a executar o que os outros decidiram?” (CASTORIADIS, 1979, p. 214). Quando se centraliza as decisões e não se dá condições para que outros participem, o autor afirma: “dizer que a coletividade é dirigida por pessoas cuja direção dos negócios comuns se tornou a partir deste momento um negócio especializado e exclusivo, e que, de direito e de fato, escapam o poder da coletividade.” (CASTORIADIS, 1979, p.213).

No caso da Cresol há a promoção de capacitação para que os diretores, que são agricultores familiares eleitos democraticamente. Contudo, diante do que mostrou o campo há esse distanciamento do agricultor. Quando o agricultor foi questionado sobre sua participação em algum curso ou programa promovido pela Cresol este, afirmou que não participava, pois, nunca quis se infiltrar na dinâmica interna da cooperativa.

A Comunidade Fazenda Mazurana, de certa forma, é privilegiada, pois, abriga o dirigente da Cresol que, ao que se observou tem uma relação bastante afetiva com as famílias da comunidade, pois, a maioria das famílias entrevistadas da Cresol mostrou um reconhecimento para com a diretoria da Cresol. Ao contrário do agente de crédito da comunidade, não citado em nenhuma das entrevistas.

Ali (na Cresol) eu chego lá, quero fala com o Neuri ou os funcionários ali, sou bem atendido que nossa, eu me sinto em casa, né? Ali é uma família, não tem. Qualquer sugestão você vai lá, fala com o Neuri e pronto. Não é que nem muito banco que você chega ali eles não te dão muita satisfação, a gente que não tem muito estudo... se é uma pessoa que não tem muito estudo chega eles não te dão muita bola. E ali (na Cresol), é tudo agricultor que trabalha na Cresol (Entrevistado 7).

O que se observa é que há laços mantidos entre a comunidade e a diretoria da Cresol em Dois Vizinhos. Resultado das relações afetivas e de solidariedade mantidas em uma comunidade rural, que ao que parece pouco se assemelham aos grandes centros. Nesse sentido, cita Williams⁵ (2011) quando se refere que o interessante sobre as comunidades é que elas permanecem até os dias atuais. Bauman (2001) diz que sua permanência se dá devido a forte ligação na história, no costume, na linguagem que se consolida a cada ano.

As comunidades podem ser uma aproximação de estar sob o "manto leve" de Weber. Já que, conforme afirma Williams (2011) "as comunidades rurais [...] é o epítome dos relacionamentos diretos: dos contatos face a face nos quais podemos encontrar e valorizar a verdadeira substância dos relacionamentos pessoais". Pois, ao que parece a vida agitada nos grandes centros não é a realidade das pequenas comunidades, fortalecidas pela solidariedade.

E por essa razão, pelos laços estabelecido em uma comunidade rural a comunidade Fazenda Mazurana poderia ser um lugar privilegiado no sentido de receber programas ou cursos através da Cresol pelas fortes relações da direção da Cresol com a comunidade. No entanto, isso não foi identificado. A luz de Castoriadis (1979) há uma máxima especialização e incentivo a formação para os decisores da organização.

Nesse distanciamento identificado no contexto da instituição em Dois

Vizinhos é que se levanta a hipótese da lógica bancária penetrar, de certa forma, a organização. No sentido de ser uma tendência a se avolumar no decorrer do tempo. Viu-se no depoimento do agricultor que, em outros bancos há esse distanciamento, no sentido do banco não interagir com a realidade do agricultor familiar. Por isso, a cooperativa tender à lógica bancária.

O que se observou nesse sentido, foi esse distanciamento da Cresol Baser com a dinâmica do cooperativismo local, o que acarreta no próprio distanciamento da organização para com o agricultor. Esta pode ser a lacuna que tem aberto frentes para a lógica bancária. Algumas falas mostrarão esses gargalos.

na minha opinião hoje nós estamos perdendo um pouco dos nossos princípios. Nós tínhamos o princípio da inclusão, continuamos com o princípio da inclusão, mas na prática do dia a dia, hoje a gente tem uma exclusão e não só do cooperado, mas também do diretor. Nessas horas tem que clarear melhor para onde temos que ir, porque senão vamos cair na tentação das cooperativas com gestor e não é o que nos propomos a fazer desde o início do sistema. Deveríamos dar uma sentada e uma repensada [...] eu vejo que aquela sementinha que nós semeamos no início dos anos 90 e hoje está aí que é a Cresol e mais outras cooperativas também. [...] Qualquer estado que a gente vá falar do cooperativismo e da Cresol eles, pegam mais pela nossa origem do que pela nossa realidade de hoje. [...] Na singular continua descentralizado, mas hoje nós já estamos abrindo mais nosso quadro social, aquilo que era do sistema tradicional, as cooperativas não serem administradas por agricultores, mas hoje também as nossas já estão correndo um pouco para esse lado. Eu acho que a gente tem que dar uma atenção especial ali pra não dizer que somos diferentes [...]

hoje nós já temos muitas pessoas da cidade associada e o pessoal insiste em dizer que se não tiver o urbano não sustenta a cooperativa e ai tem uma tendência de ser administrada por essas pessoas [...] na maioria dos municípios o pessoal está consciente e insiste em manter como cooperados o agricultor (Entrevistado 11).

Algumas questões ficaram evidentes: a) a importância da cooperativa singular como força para se manter sob a lógica da economia solidária; b) o distanciamento dos seus princípios originários, tal como a inclusão.

Quando se remete a força das cooperativas singulares como uma estratégia de manter-se na lógica da economia solidária, refere-se principalmente a sua forte relação com o agricultor, o cooperado. Isso se percebe no processo de gestão. Quando um cooperado deseja candidatar-se a diretoria da singular, este geralmente inicia como agente de crédito na sua comunidade. Então, quando deseja candidatar-se a diretoria a comunidade, a qual faz parte, já conhece o seu trabalho. Explica um dos fundadores sobre a esse respeito:

a cada 3 anos que muda a diretoria, muda também o agente de crédito. A comunidade quer que continue o mesmo (agente de crédito)? Tem que votar. Aquele agente que não dá informação, que a própria comunidade reclama, na próxima eleição eles (os cooperados da comunidade) trocam. Às vezes o cara vai lá e passa vergonha, porque não leva nenhum voto. É o desempenho do trabalho que ele faz.

Nesse sentido cita-se Habermas (2002) quando mostra que as relações se mantêm dentro de uma comunidade através da comunicação. Os indivíduos através de um processo de socialização passam a se

⁵ Raimond Williams examina os reflexos do modo de vida rural e urbano na literatura inglesa do século XVI até os dias hoje, em sua obra O Campo e a Cidade.

sentirem parte de uma comunidade, dando a esses membros uma estima social, e passam a se ligar através da solidariedade (*in solido*). Portanto, a ação comunicativa constitui o âmagão da solidariedade. A exemplo o autor cita a formação do Estado democrático como um exemplo para entender esse conceito. A formação da “consciência do nós”, criada no imaginário, que permitiu que as pessoas se identificassem como membros de um mesmo grupo ou comunidade formou um Estado democrático, partindo de laços solidários.

Então, a relação que a cooperativa singular tem com os cooperados é bastante próxima. Os diretores de cada localidade têm uma relação estreita com os cooperados do seu município. Sob esse modelo de gestão as singulares, ao que parece, mantêm sua força no cooperativismo solidário pela proximidade com a direção do seu município. Então, são eleitos aqueles que correspondem às expectativas dos cooperados já conhecida nos cargos de agentes de crédito. E quanto à relação que a singular mantém com a Central Baser pareceu ser de autonomia, conforme o dirigente mesmo afirmou.

A eleição da diretoria da Cresol Baser, naturalmente, tem o mesmo procedimento das singulares: votação em assembleia ordinária. No entanto, sua função é mais estratégica, por isso, naturalmente não há uma relação próxima com o agricultor. Esse pode ser um dos fatores que tem conduzido a organização a certo distanciamento dos seus princípios originários, tal como apontou um dos fundadores em sua fala.

Ora, se há a hipótese da força do cooperativismo solidário na Cresol manter-se nas singulares pela relação de proximidade que mantém com os cooperados, então, quando se admite a entrada de um público diferenciado, que não agricultor familiar, através da autogestão há a possibilidade destes serem os dirigentes da cooperativa, o que poderá

“
A Cresol implementou um projeto piloto em Abelardo Luz – PR, na construção de 10 casas de moradia. Isso foi possível através do Programa Minha Casa Minha Vida, destinado a moradores da zona urbana e agora disponibilizado via Cresol.
”

acarretar em interesses diferenciados do público da Cresol hoje.

Eu acho que tá entrando... porque uma cooperativa assim é do pequeno, da família, da agricultura familiar, né? E ali tá entrando muita gente assim que não depende disso aí, eu acho, na minha opinião. Não depende disso aí, de repente, sei lá, eles vem porque pega o dinheiro mais fácil, gente do comércio na verdade que não dependeria disso aí, eu acho que, que tenho essa ideia (entrevistado 7).

a gente tá notando que eles tão pegando muita gente grande, e nos fomos muitas vezes conversando em pavilhão ou no vizinho que deveria dar uma parada. Por que o banco tá se alastrando? por que a procura é grande? Porque tá bom, mas acho que só deveria cuidar do cadastro da pessoa. Por pouco, a gente já tem preocupação, pode ser imaginação nossa, mas nós já tem medo que esse banco logo, logo começa a ficar pro grande de novo. Mas, pode que não, que a gente esteja enganado, mas, isso entre a capela, entre vizinho que já temo falando que está sujeito [...] entre nós já estamos se preo-

cupando. Nós aqui no Mazurana, nós tamo em 28 ou 30 aqui né. Nós já começamos a se preocupa. Tem gente boa que a gente não é contra eles é contra quem começa a querer levar o direito do pequeno talvez. Depende do presidente que entra né, até que tem esse não tem perigo, mas, vamo que começa a muda né, entra um cara grande lá dentro, ele sendo agricultor ele pode entra né [...] e diz agora: vou puxar pros meus guaiperos, até que nós tem agricultor pequeno lá dentro tamo tranquilo, mas de logo começa a crescer né (entrevistado 10).

Ficou evidente a preocupação deste agricultores com a entrada de agricultores de grandes propriedades e também, ao que mostrou, de pessoas do urbano. A esse respeito não foram identificados dados que mostram essa realidade. Alguns aspectos foram identificados, tal como, financiamento para construção e reforma de casas no setor urbano. A Cresol implementou um projeto piloto em Abelardo Luz – PR, na construção de 10 casas de moradia. Isso foi possível através do Programa Minha Casa Minha Vida, destinado a moradores da zona urbana e agora disponibilizado via Cresol.

O que apontou o entrevistado 11 sobre o distanciamento do princípio de inclusão e também sobre a necessidade, apontado por alguns, da entrada do urbano na cooperativa como uma estratégia de sustentar a organização no mercado, mostra, de certa forma, como a organização tende a submeter-se as demandas exigidas pelo mercado para que ela permaneça. E nesse sentido que a pesquisa mostrou lacunas que abriram espaço para práticas mais voltadas a lógica bancária.

A agricultura familiar, essencialmente, está carregada do sentido da solidariedade, do sentido de pertencimento a um local, de estar ligado com o seu próximo, como bem evidenciou uma moradora na sua fala já colocada nesse capítulo: “Na cidade um mora na cara do outro e nem se olham. Aqui a tristeza

de um é a tristeza da gente". Então, a própria entrada de um público diferenciado tenderia a mudança na organização. Lembra-se da decisão da Cresol para que os agricultores familiares, cooperados assumissem a direção da organização, pois, conforme já mencionado, estes tenderiam a uma lógica mais solidária, resultado da sua interação com a comunidade e também da sua gestão na propriedade. Por isso, vê-se que a Cresol se apresenta como uma proposta contra-hegemônica, como uma alternativa a agricultura familiar, no entanto, pensa-se na possível tendência para um cooperativismo mais convencional, tendo em vista os argumentos expostos nesse trabalho.

4. Considerações finais

A partir dos dados apresentados acima algumas considerações ficam evidentes. A pesquisa mostrou algumas tendências da organização. Compreende-se que nesse processo em que alguns princípios da solidariedade, do caráter alternativo da Cresol e da sustentabilidade foram sendo confrontados, se assim pode-se referir, houve uma pressão do mercado que, exigiu uma adaptabilidade às suas regras. Nesse sentido se questiona se as pressões do mercado, da hegemonia tenderiam, cada vez mais, exercer influência sobre a organização de tal forma que ela reproduzisse puramente os princípios da lógica empresarial que, de certa forma, é a lógica bancária.

Ao que pareceu a força da solidariedade e do caráter alternativos do Sistema Cresol está nas cooperativas singulares. As cooperativas singulares resistem às forças da hegemonia na medida em que possuem uma relação privilegiada com os cooperados do município. É de grande relevância dos laços de solidariedade mantidos em uma cooperativa singular. Ora, se podem ser entendidos como a força que mantém a organização sob a lógica da economia solidária, então, pensa-se que se estes laços, se essa interação for ferida, então, a organi-

zação tenderia a um cooperativismo mais convencional.

A partir dos dados levantam-se algumas questões possíveis. Compreende-se que a possibilidade alternativa ou contra-hegemônica sempre vai estar contida em um sistema, em um contexto. Nesse sentido, evidencia-se a relação híbrida dessas formas de organização no contexto geral da sociedade. Assim, apontam-se lacunas ou tendências identificadas a partir dos dados, mas, entende-se que não há um fenômeno isolado e puro, portanto, haverá elementos do capital nas organizações de economia solidária e o contrário também acontecerá.

Assim, diante do exposto algumas questões foram despertadas para futuras investigações. A relação existente entre os agricultores na fundação da Cresol mostrou a relevância da solidariedade nem contexto de movimentação popular pelo um fim desejado. Nesse sentido, ficaram questões que se deseja aprofundar em trabalhos futuros, tais como: quais os sentidos da solidariedade dentro da economia solidária? Será esta solidariedade (*in solido*) uma estratégia de resistência à hegemonia? E será possível ela criar práticas econômicas emancipatórias dentro do contexto do capitalismo?

Referências

ALMEIDA, Jalcione. Da ideologia do progresso à ideia de desenvolvimento (rural) sustentável. In: ALMEIDA, Jalcione; NAVARRO, Zander. **Reconstruindo a agricultura**: ideias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 33-55.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atua. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BITTENCOURT, Gilson Alceu. Sistema Cresol de Cooperativas de Crédito Rural: uma experiência de economia solidária entre agricultores familiares.

In: SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de (Org.). **A Economia solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000. p.193-218.

CASTORIADIS, Cornélio. **Socialismo ou Barbárie**. São Paulo: Editora Brasileira, 1979.

DEMO, Pedro. **Solidariedade como efeito de poder**. São Paulo: Cortez, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do outro. Estudos de teoria política**. Trad. Gorge Sperber e Paulo Astor Soethe. São Paulo: Loyola, 2002.

IPARDES. Cadernos Estatísticos. **Cadernos Municipais IPARDES**. Curitiba: IPARDES, 2010.

KAUTSKY, Karl. **A questão agrária**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

LIONÇO, Vânia. **A Abordagem Territorial no Desenvolvimento Rural Sustentável do Sudoeste do Paraná**. 2007. 250f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SCHÖDER, Mônica. **Finanças, Comunidades e Inovações**: organização financeira da agricultura familiar - o sistema Cresol, 2005. 215f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

VASCO, Ana Paula Debastiani. **Cooperativa de Crédito Rural Cresol**: autogestão e sustentabilidade. Pato Branco, 2009. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paraná, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia de Letras, 2011.